

Portugal na Guerra: uma revista de infopropaganda

Jorge Pedro Sousa

FCBS/Universidade Fernando Pessoa

CIC Digital/UNL

Resumo: Na I Guerra Mundial (1914 a 1918), apenas a imprensa tinha a capacidade para promover uma comunicação ubíqua, pelo que foi usada pelos contendedores para propaganda e informação. A imprensa teve, assim, um importante papel na forma como a guerra foi contada à sociedade e contribuiu para a produção e circulação de ideias e pontos de vista sobre o conflito, ajudando a tornar as pessoas mais propensas a aceitar o esforço de guerra e a perda de vidas. As revistas ilustradas, em particular, tiveram um papel significativo na propaganda de guerra, porque permitiram que até mesmo os analfabetos “vissem” a guerra. Portugal foi um dos países beligerantes da I Guerra Mundial que usou as revistas ilustradas para propaganda. Neste artigo, traçaremos a história da revista *Portugal na Guerra*, patrocinada pelo governo português, editada em Paris e escrita em português e francês, e analisaremos como essa revista apresentou a I Guerra Mundial seus leitores.

Palavras-chave: Revistas ilustradas Portuguesas, Portugal na I Grande Guerra, propaganda.

Abstract: During World War I (1914 to 1918), only the press had the ability to promote a ubiquitous communication, and as such it was used by the promoters for propaganda and information. The press had, thus, an important role in the way the war was told to society and contributed to the production and circulation of ideas and views on the conflict, helping to make people more likely to accept the war effort and the loss of lives. The illustrated magazines, in particular, played a significant role in the propaganda of war, because they allowed even the illiterates to “see” the war. Portugal was one of the belligerent countries of World War I who used the illustrated magazines for propaganda. In this article, we trace the history of the magazine *Portugal na Guerra*, sponsored by the Portuguese Government, edited in Paris and written in Portuguese and French, and we analyze how this magazine presented the World War I to its readers.

Keywords: Portuguese illustrated magazines, Portugal in the I World War, propaganda.

Durante a Grande Guerra, para além da disputa bélica, desenvolveu-se uma disputa simbólica no campo da comunicação social. Os meios de comunicação foram usados propagandisticamente para os contendores convencerem e convencer-se da justeza da sua causa, animando-se para a luta (Lasswell, 1927; Sanders, 1975; Knightley, 1975; Sanders e Taylor, 1982; Messinger, 1992; Arthur, 2007; Garambone, 2003; Novais, 2013; Sousa, 2013). *Somente a imprensa tinha a capacidade de tornar as mensagens propagandistas omnipresentes e, por isto, ela foi usada por todos os contendores* (Marquis, 1978; Sanders e Taylor, 1982; Pizarroso Quintero, 1993: pp.209-234; Navarro, dir. et al., 2005: pp.226-228; Gilbert, 2007: p.13). Alguma da propaganda de guerra apresentou-se, pois, em suportes “jornalísticos” ou que se podiam conotar com o jornalismo, com os quais os leitores estavam familiarizados. Entre a imprensa, as revistas ilustradas tiveram um papel significativo na propaganda de guerra, até porque permitiam *mostrar* a guerra, mesmo aos analfabetos (Marquis, 1978; Bishop, 1982; Pizarroso Quintero, 1993: pp.209-234); Sousa, 2013).

Terá sido por iniciativa do governo português e, em particular, do ministro do Exército, Norton de Matos, que surgiu, a 1 de junho de 1917, a revista ilustrada *Portugal na Guerra*. O lançamento dessa revista demonstra que os portugueses também tentaram fazer propaganda de guerra que se apresentasse insinuante e inocentemente como uma revista ilustrada “jornalística”.

Escrita em português mas com apontamentos em francês (alguns títulos, legendas e o cartaz de espetáculos em Paris), a revista *Portugal na Guerra* foi publicada entre junho de 1917 e janeiro de 1918, num total de oito números, de periodicidade irregular.

Projetada para ser quinzenal, conforme revelam as informações sobre os preços das assinaturas na ficha técnica, a revista *Portugal na Guerra* teve esta periodicidade em junho de 1917 e entre setembro e outubro de 1917. Os últimos números, de novembro de 1917 a janeiro de 1918, tiveram já periodicidade mensal. Não se publicou em julho e agosto de 1917.

Uma vez que o fim da publicação da revista coincidiu com a ascensão de Sidónio Pais ao poder em Portugal, a causa mais provável para a morte da *Portugal na Guerra* terá sido o fim do financiamento e a falta de interesse do novo poder, mais interessado em promover a figura do novo Chefe-de-Estado.

A revista *Portugal na Guerra* tinha, normalmente, 16 páginas de 38,5 cm de altura por 28,5 cm de largura, excluindo-se a capa, a contracapa e os respetivos versos. A capa, que ostentava, simbolicamente, o escudo da República Portuguesa, conferindo-lhe um estatuto oficial, ou, pelo menos, oficioso, foi sempre impressa em papel colorido verde e, por vezes, incluiu palavras grafadas a cor, como aconteceu com a palavra Portugal do próprio título da revista. O interior foi composto a preto-e-branco. Os anúncios publicitários também apresentavam, por vezes, elementos coloridos, suscetíveis de promover a atenção do leitor.

A ficha técnica da revista *Portugal na Guerra* revela que se publicava em Paris (sede no n.º 3 da rua de Villejust), sob a direção de Augusto Pina, um pintor (que tinha estudado Belas-Artes em Paris) e ilustrador e um homem do teatro, envolvido na propaganda de guerra. É interessante notar este facto – o governo português colocou um homem da arte e do teatro, e não um jornalista, a dirigir uma revista ilustrada de propaganda de guerra.

Ainda segundo os dados inseridos na revista, o secretário de redação da *Portugal na Guerra* era José de Freitas Bragança, que assinou alguns dos textos como J.B, incluindo várias crónicas sobre o quotidiano parisiense em tempo de guerra.

As fotografias em França ficaram a cargo de Arnaldo Garcês, colaborador regular da imprensa e um dos introdutores do fotojornalismo em Portugal, sendo dele o mais impressionante conjunto de imagens do quotidiano dos expedicionários portugueses. Em Portugal, o correspondente fotográfico era Carlos Alberto Lima, também ele colaborador regular da imprensa – mas a revista não publicou fotografias de Portugal, só de portugueses.

A revista apregoava que tinha a “colaboração literária dos mais notáveis escritores portugueses e estrangeiros”, “colaboração artística dos maiores artistas portugueses” e ainda “cartas das principais capitais do mundo”. Mas o contributo literário reduziu-se a vários autores menores da literatura e do jornalismo: entre outros, o jornalista republicano Mayer Garção; o jornalista, escritor e diplomata republicano Alfredo de Mesquita Pimentel; o jornalista, dramaturgo, cronista e militar republicano André Brun, sob o pseudónimo misterioso de “Capitão X” (a sua identidade é revelada no n.º 4 p. 6); o jornalista José Paulo Fernandes; o jornalista republicano Xavier de Carvalho, que há largos anos vivia em Paris e que foi um dos expoentes da defesa da intervenção portuguesa na I Guerra Mundial; e o jornalista, jurista e escritor republicano Alberto de Sousa Costa.

Por seu turno, caso se descontem as fotografias, o contributo “artístico” reduziu-se a uma aguarela colorida do diretor da revista, Augusto Pina, intitulada “Porta-bandeira português na guerra”, e a um retrato colorido do comandante do CEP, general Tamagnini, da autoria do pintor Ferreira da Costa.

A revista aceitava assinantes de França, de Portugal e do Brasil, sinal que se destinava a públicos destes países. Aliás, a revista tinha agentes distribuidores em Lisboa (Victor Melo) e no Rio de Janeiro (Casa A. Moura).

O preço das assinaturas e dos números avulsos não variou enquanto a revista foi publicada, apesar da inflação. Um número custava 30 centavos em Portugal, um franco em França e 1500 réis no Brasil. Curiosamente, os preços das assinaturas – igualmente disponíveis para França, Brasil e Portugal – revela que estava prevista a publicação de mais edições da revista *Portugal na Guerra*. Efetivamente, a publicação teve oito números, de periodicidade irregular, entre junho de 1917 e janeiro de 1918 (oito meses). Embora a revista não tivesse sido publicada em julho e em agosto de 1917, em junho deste ano foram publicados os dois números previstos, tal como em outubro. Mas a ficha técnica revela que se previa que a revista fosse quinzenal e durasse bastante mais tempo do que durou. Uma assinatura de um ano (24 números) custava 6\$30 para Portugal, 21 francos para França e três mil réis para o Brasil. Uma assinatura de seis meses (12 números) ficava por 3\$30, em Portugal; 16\$00, no Brasil; e 11 francos, em França. Finalmente, uma assinatura de três meses custava 1\$80 em Portugal e 6 francos em França, não estando esta modalidade prevista para o Brasil.

A indicação do preço da revista em francos, escudos e réis também contribui para demonstrar que a publicação se destinava aos portugueses e lusófonos que estavam em França, em Portugal e no Brasil. Demonstra, igualmente, que a comunidade portuguesa no Brasil mantinha fortes laços com Portugal. Aliás, foi publicada pela União dos Portugueses no Brasil, organização sedeadada no Rio de Janeiro, uma revista autodesignada “patriótica” igualmente intitulada *Portugal na Guerra*.

Os anúncios, sempre inseridos na contracapa e no respetivo verso, publicitavam casas comerciais tais como: os alfaiates Victorino, especialistas em fardas para o exército português; os grandes-armazéns Printemps, que tinham um representante em Lisboa; um intermediário-comissionista francês de negócios na Europa; a tipografia parisiense Lux,

onde se imprimia a revista *Portugal na Guerra*; uma editora de Paris; os jornais de modas da casa A. Moura, do Rio de Janeiro, agência da revista para o Brasil; e um suplemento para gasolina e petróleo de uma empresa americana.

O anúncio à Tipografia Lux poderá ter resultado de um acordo entre a revista e quem a imprimia, eventualmente em contrapartida por uma diminuição do preço da impressão. Os anúncios da casa A. Moura, do Rio de Janeiro, agente da revista no Brasil, também podem ter sido uma contrapartida negociada no âmbito do acordo de representação.

No primeiro número da revista, o texto de apresentação aos leitores – curiosamente, não assinado – refere que o propósito da publicação seria “documentar a intervenção militar dos portugueses na maior conflagração de que há memória na história da humanidade”, daí a escolha do título *Portugal na Guerra*. Mas a revista também tinha por finalidade – e aqui enuncia-se o seu viés propagandístico – “manter elevado o espírito nacional, pelo exemplo glorioso dos seus”. Por outras palavras, segundo os redatores da revista, poderia esperar-se dela que apontasse para o exemplo dos soldados portugueses como símbolo da “revelação de energia” de Portugal, país que renascia “para as recompensas da consideração que se devem aos povos vigorosos”. Esta é a chave para a leitura política da revista: a participação de Portugal na guerra, apesar dos sacrifícios, destinava-se a salvaguardar os interesses nacionais. A revista não clarifica esses interesses, mas à frente deles estavam, certamente, a defesa das colónias – entendidas como uma espécie de retaguarda estratégica necessária à sobrevivência do país e parte integrante do todo nacional – e a defesa da forma republicana de regime.

Por que razão seria necessário, por outro lado, proceder à documentação da participação portuguesa na guerra em curso na Europa? No mesmo texto encontra-se a resposta: a magnitude histórica da I Guerra Mundial, para o mundo e para Portugal:

As razões do nosso empreendimento contêm-se na própria magnitude do acontecimento que o inspira.

A guerra, em si mesma, é um facto de tal natureza grande que preencherá por largos séculos a imaginação dos homens. (...) Mas se a guerra em si mesma é um facto de consideráveis proporções em relação à história do mundo, a guerra que nós próprios vamos fazer com os nossos soldados, em campos de batalha comuns, é, em relação à nossa história, um acontecimento de tamanha grandeza que podemos considerá-lo único nos anais da nacionalidade. (n.º 1: p.2).

A participação portuguesa na Grande Guerra seria encarada, pois, como um acontecimento único na história do país, já que “Pela primeira vez e no decurso da sua longa história” Portugal saía “da sua cena para a vastidão da cena política universal”. O país iria lutar fora das fronteiras, “ao lado das mais poderosas nações do mundo”, para defender uma “causa (...) de todos”. Obviamente, o *todos*, aqui, refere-se retoricamente aos aliados, não às potências centrais.

O texto enfatiza, num sentido legitimador, o esforço nacional singular que o país fazia – e que o arruinou – para lutar em África e na Europa contra as potências centrais:

[Portugal] Constitui um exército capaz de combater ao mesmo tempo no continente e nas colónias, manda sessenta mil homens para França, trinta mil para África e encontra ainda nas suas reservas os elementos constitutivos e uma guarnição territorial. Este exército é exclusivamente nacional. (...) São portugueses os seus oficiais, são portugueses os seus soldados e o mesmo pano dos uniformes que veste é português. (n.º 1: p. 2).

O redator do texto, possivelmente José de Freitas Bragança ou Augusto Pina, aponta, finalmente, para os custos da guerra – para as “devastações” e para as “carnificinas” em que os soldados portugueses iriam participar. Mas a revista não mostrará os mortos nem os feridos, embora tenha dado conta da “devastação” provocada pela guerra no património edificado, especialmente através de imagens.

Curiosamente, no primeiro número da revista aparece um outro curto texto dirigido “Ao leitor” (n.º 1: 15) que se referia às “dificuldades sem conta” com que se lutava para lançar uma publicação da natureza da revista *Portugal na Guerra*, que não estavam “inteiramente vencidas”. Adiantava o texto que “prestes a entrar nos prelos”, o primeiro número tinha sofrido “o contratempo de uma greve”. Prometia-se, no entanto, que os contratemplos não seriam “a última palavra” nos “esforços” para lançar a revista.

Depois de um tempo de suspensão da publicação, a revista voltou ao contacto com os leitores com o número 3, datado de 15 de setembro de 1917. Justificou, então, num texto dirigido especificamente “Ao leitor”, a interrupção na publicação por motivo de “dificuldades materiais quase insuperáveis”, “contrariedades e prejuízos graves” (n.º 3: p.15). Nesse mesmo texto, a revista anuncia que terá, doravante, “a colaboração artística dum novel pintor português que, atualmente junto das nossas tropas, nos enviará os seus flagrantes croquis”. Tratar-se-ia, provavelmente, de Adriano de Sousa Lopes, o pintor que viajou até às trincheiras para pintar o CEP, mas ele nunca chegou a ver publicados trabalhos seus na *Portugal na Guerra*. De qualquer modo, fica a referência à possibilidade de colaboração de Sousa Lopes que os responsáveis da revista – e possivelmente o ministro da Guerra, Norton de Matos, que montou a máquina de propaganda de guerra portuguesa – equacionaram.

O texto “Ao leitor” é também relevante por outro motivo: insere excertos de cinco cartas – em francês – recebidas na redação, duas de publicações francesas e três de políticos e jornalistas franceses. Estas cartas são reveladoras de que os notáveis e os periódicos franceses se incluíam entre os públicos-alvo da revista e que esta lhes chegava gratuitamente.

As cartas de *La Revue* e do *Excelsior* anunciam o nascimento da revista “de propaganda” (*Excelsior*) *Portugal na Guerra* e cumulam de elogios o “grande artista português” (*La Revue*) Augusto Pina, que a dirigia e tinha fundado. O *Excelsior* agradece mesmo os “documentos fotográficos” relativos ao CEP que publicou e que lhe terão sido remetidos pela revista ou reproduzidos a partir dela (provavelmente, fotografias de Arnaldo Garcês). As cartas dos políticos e jornalistas agradecem o envio da revista e felicitam a iniciativa. O literato e cronista Philius Lebesgue, um mediterraneanista que se subscreve como “um velho amigo de Portugal”, anuncia que iria referir-se à revista *Portugal na Guerra* na sua próxima crónica no *Mercure de France* e que a usaria num estudo sobre o combatente lusitano que estaria a preparar. O antigo ministro e senador Jules Goden sublinha o seu interesse testemunhal. O jornalista e sociólogo francês Jean Finot, de ascendência polaca, sócio-

-correspondente da Academia Brasileira de Letras, salientava que a *Portugal na Guerra* se distinguiu positivamente dos restantes periódicos similares criados durante a guerra.

A revista quis, portanto, propagandar o esforço de guerra português junto da imprensa francesa, com quem procurou estabelecer laços e à qual forneceu fotografias do CEP, e junto dos notáveis da política e do jornalismo em França. Por essa razão, a revista publicou apontamentos em francês.

Um texto intitulado “A nossa revista”, publicado no sétimo número, salienta que era “pela imagem” que a publicação teria “feito conhecer (...) o heroico esforço militar português em França” e o “panorama curioso” da cooperação militar portuguesa (n.º 7: p.7). Os editores de *Portugal na Guerra* desejavam, portanto, afirmá-la como uma revista ilustrada, capaz de documentar – e de *propagandar* – fotograficamente a presença dos expedicionários portugueses em França, e estavam autoconvencidos dos seus “patrióticos esforços”. É nesse quadro que se compreende a política de difusão gratuita da revista junto das altas individualidades francesas e da imprensa de França:

Tem sido para nós extremamente honroso as cartas que temos continuado a receber (...), constituindo um público testemunho de alto apreço aos nossos patrióticos esforços. No mês findo, mandámos encadernar luxuosamente (...) um certo número de coleções do *Portugal na Guerra* para oferecer a algumas notabilidades francesas na política, na ciência e nas artes. Recebemos as mais requintadas frases de agradecimento (...). O senhor Presidente da República Francesa (...), o senhor (...) presidente da Câmara dos Deputados, o senhor Painlevé, sábio membro do Instituto de França e ex-presidente do Conselho de Ministros, o senador e ex-ministro Jules Godin, o ex-ministro e ilustre economista Yves Guyot, todas essas notabilidades francesas nos enviaram cartas (...) agradecendo as coleções oferecidas. Ainda há pouco recebemos outra carta do eminente jurisconsulto francês (...) Edouard Clunet, agradecendo também a nossa revista.

Muitas folhas parisienses e departamentais se têm referido à nossa publicação com elogio. E dos principais membros da colónia portuguesa em Pais temos igualmente recebido palavras (...) de muito apreço. A nossa publicação obteve mesmo um grande sucesso em colónias distantes, porque entre os jornais que à nossa revista se têm referido destacamos uma folha de Tonkim⁵⁹! A imprensa brasileira cita-nos amiudadas vezes e temos visto transcrições de artigos da nossa revista nos quotidianos mais lidos do Rio, de São Paulo, de Minas e do Pará. (n.º 7: p.7)

A revista *Portugal na Guerra* teria sido, em consequência, encarada pelos poderes públicos portugueses – designadamente, com bastante probabilidade, por Norton de Matos – como um instrumento de propaganda nacional quer junto da nata dos portugueses em Paris quer

⁵⁹ O redator refere-se, possivelmente, à região vietnamita de Tonquim – o Vietname era, então, uma colónia francesa (Indochina Francesa).

junto dos restantes aliados, nomeadamente junto dos franceses. A publicação serviu, pois, para relembrar continuamente aos aliados o esforço de guerra português para que, quando a guerra terminasse, o governo português pudesse reivindicar para o país as justas contrapartidas, em especial o direito à manutenção das colónias.

Referências

- Arthur, M.** (2007). *Faces of World War One: The Tragedy of the Great War in Words and Pictures*. London: Cassel Illustrated.
- Bishop, J.** (1982). *The Illustrated London News Social History of the First World War*. London: Angus & Robertson Publishers.
- Garambone, S.** (2003). *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Gilbert, M.** (2007). *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Knightley, P.** (1975). *The First Casualty: From the War Correspondent as Hero, Propagandist and Myth-Maker*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Lasswell, H.** (1927). *Propaganda Technique in the World War*. Cambridge: The MIT Press, 1971 (reprinted).
- Marquis, A. G.** (1978). Words as weapons: propaganda in Britain and Germany during the First World War. *Journal of Contemporary History*, vol. 13, n.º 3, 1978: pp. 467-498.
- Messinger, G. S.** (1992). *British Propaganda and the State in the First World War*. Manchester: Manchester University Press.
- Navarro, F.** (dir.) et al. (2005). *História Universal*. Vol. 19. Lisboa: Salvat/Promoway/Público.
- Novais, N. M.** (2013). *A Imprensa Portuguesa e a Guerra. 1914-1918. Os Jornais Intervencionistas e Anti-Intervencionistas. A Ação da Censura e da Propaganda*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Pizarroso Quintero, A.** (1993). *História da Propaganda Política*. Lisboa: Planeta Editora.
- Sanders, M. L.** (1975). Wellington House and British propaganda during the First World War. *The Historical Journal*, vol. 18, n.º 1: pp. 119-146.
- Sanders, M. L.; Taylor, P. M.** (1982). *British Propaganda During the First World War, 1914-18*. London: MacMillan.